

O magano a sorrir-se.  
 Sabes o que é? Pois fala.--O repertorio  
 --Diz o moco---ahi está.  
 O repertorio: Sim e o Borda d'Agua.  
 Vejamos de quem resa.  
 San...SanMartinho!..hoje!..Isso é possível  
 O San Martinho!.., E copos.  
 E garrafas, barris, não ha na casa?  
 E eu rapaz maldito,  
 Eu c'o a barriga empanzinada d'agua!  
 Eu c'umas sopas magras!  
 Eu de dieta!... Sim; dieta: oh! louco  
 Oh! parvo que estou hoje!  
 Pela bréca do caco o pouco sizo  
 Se evaporou da bola,  
 Nem me lembravaja o tal saltinho  
 De andante folestria!  
 Oh! mal haja mil vezes o primeiro,  
 Que ousou com mão perversa  
 Sobre espinhaço cavallar cingil-o  
 O traçoado couro!  
 Mal haja esse patan de D. Quixote  
 Ou quem quer que antes delle  
 A moda introduziu das Dulcinéas  
 E de andar atras dellas!  
 Mal haja a parvoa sucia de ir buscal-as  
 A' Fos, ao Inferno!  
 E que tinha eu que ver c'as taes meninas  
 Ou co'seu fazer de annos?  
 E se o tinha não era mais bizarro  
 Em felpudo jumento,  
 Em guapa albarda aperaltado Sancho  
 --E sem medo aos manteios.  
 D'encantada estalagem---teso e crespo  
 Pela rua Direita (\*)  
 Mui direito fazer a minha entrada,  
 Mais brilhante e falada  
 Que a do Marialva na imperial Vienna,  
 Quando do tronco Gothico  
 Nos foi buscar o desejado garfo  
 Que ao Braganção cavallo  
 Co'a enxertia religiosa unido  
 Na terra das bananas  
 Fructos dará Tapuias, Tupinambas  
 D'acabouçadas obras.  
 Disse brilhante?--Sim: brilhante e guapa  
 Que a grazinante sucia

(\*) Rua principal de S. João de Foz.

(Nota do poeta.)

D'assoviadora vasta rapazia  
 Em garotal triumpho  
 Mui ancho havia acompanhar á porta  
 Da senhora dos annos.  
 E os assovios? E a risota?—Oh! fosse  
 Escarros e chapadas,  
 E não me visse agora aguado e môcho  
 Em tão solemne dia!  
 E não me visse agora assim tão murcho  
 Almejando garrafas,  
 Sonhando copos, delirando frascos,  
 Botelhas, e borrachas,  
 Barris, quartos e pipas tudo em vento,  
 E tudo, tudo em falso.  
 Condoei-vos de mim, festiva malta,  
 Galhofeira caterva  
 Do vinifero placido Mondego,  
 E com piedosas fauces  
 Bebei pela saude—antes por alma—  
 Do pobre irmão carissimo,—  
 Que cá de longe chucha pelos dedos,  
 E encarquilhando os beiços,  
 Co'alma nos copos, que trinchaes alegres,  
 Gosa de vossos gostos,  
 E aposentado invalido chupista  
 Só folga na taberna.

Porto, 11 de Novembro de 1820

J. B. S. L. A. G.

**Imprensa.**—Temos sido obsequia-  
 dos com a permuta do “Jornal da  
 Parahyba” e do “Observador”, pelo que  
 somos sinceramente agradecidos á suas  
 respectivas e illustradas redacções.

**Mudança.**—Temos mudado nossa  
 officina typographica para a casa n.  
 15 da rua da Viração.

## SECCÃO CRITICA.

Uma pagina da actualidade

## NOTE.

- Os juizes desta festa
- Nunca podem ficar mal.

## GLOSA.

Não é materia indigesta  
 Aquella que aqui decanto,  
 Nem pretendo encher d'espanto  
 —Os juizes desta festa.  
 O que quero é ver patente,  
 De futuro e de presente,  
 Nestas plagas de Cabral,  
 Que os filhos da muambagem  
 Que tem denodo e coragem,  
 —Nunca podem ficar mal.

A minha mira é só esta,  
 Não tenho diverso intento  
 E considero uns portentos  
 —Os juizes desta festa.  
 O nosso Rei deu farinha,  
 Deu carne, deu o que tinha,  
 Pois é um Rei liberal;  
 Quem foi goloso se aperta,  
 Mas se andaram alerta,  
 —Nunca podem ficar mal.

Se o mal á todos impesta  
 Nesta quadra de amargores,  
 Aposto: —não san autores  
 —Os juizes desta festa.  
 Se apoderaram de uns cobres,  
 Tambem, coitados, san pobres...  
 E comeram por igual;  
 Se hoje soltam queixumes,  
 Não ha razão de ciumes,  
 —Nunca podem ficar mal.

(Continúa.)

## SECCÃO LITTERARIA.

Cartas a um amigo.

Meu caro Doutor.

A sua agradável palestra tem me prodigalizado deliciosos momentos, entretanto em nossa ultima entrevista o meu amigo, mais *philosopho* do que até então, atacou, estou certo que por mero assumpto de conversação os principios fundamentais do socialismo, e tão profundos forão os golpes de seu raciocinio que mutilarão o homem no que elle tem de mais importante e precioso.

Deixei correr livre o seu pensamento, e meu amigo fallou como sempre: magnificamente; não lhe puz objectivas e enquanto vaticinava-lhe um lugar distincto em nossa tribuna parlamentar promettia-me a mim mesmo tomar uma vindicta de semelhante aggressão feita assim sem mais nem menos á minhas reaes convicções.

Eis-me pois.

Comprehende o Dr. os papeis trocados que representamos, o meu amigo filho de uma eschola consagrada ao culto das sciencias philosophicas e sociaes ataca o socialismo, eu sahido de uma eschola que se dedica ao estudo das sciencias exactas, sem argumentos ante a forma *mathemathica* do cristal ou os *phenomenos physicos* da luz, sem oração ante o grito de dor arrancado pelas maravilhas da obstetricia, quasi sem alma ante as analyses do escalpello nas mezas forradas de zinco da disseccção, proponho-me a defendel-o e mostrar, talvez mesmo por estas sciencias positivas, que o meu caro Dr. não tem razão, que o homem nasceu para a communicação constante com o seu semelhante.

Ora, (antes de principiarmos) eu tenho tido algumas zangas com o socia-

lento e peço mesmo licença ao amigo para citar-lhe um trecho do prologo de um pequeno livro que hei escripto em horas furtadas aos trabalhos da vida real.

« Mais tarde, disse eu, com o volver dos annos, veio o de senganço de tão salutares illusões, a experiencia da vida e dos homens foi-me uma lição tremenda.

« Eu sonhara no socialismo a ultima expressão do aperfeicoamento humano, mas no meio das luctas fratricidas que a todas as horas se dão, o meu espirito tem duvidado se estará ali realmente o destino da humanidade.

« Custa-me crer que o homem haja nascido para a sociedade, se o vejo em todas as condições da vida ter no seu semelhante o mais terrivel inimigo, que lhe disputa a cada passo a sua fortuna, o seu direito, a sua honra e a sua felicidade, onde quer que ella possa existir--nas lides da vida publica ou no repouso do proprio lar.

« O homem é continuamente assaltado por esse terrivel inimigo: o homem, tão terrivel quanto traioeiro e intelligente; é obrigado a entrincheirar-se, a occultar a sua propriedade, a disfarçar os seus habitos, a reservar mesmo os seus mais nobres pensamentos e a apparecer com um sorriso hypocrita nos labios.

« Tudo isto se me figurou tão abominavel que tive medo, me pareceu tão verdadeiro que me considerei um utopista, e então, com a fronte apoiada na mão, com a realidade a rasgar-me o coração como um espinho, tive saudades d'aquelle tempo quasi infantil que fugira, d'aquellas formosas imagens que se desterravam de minh'alma para nunca mais tornarem, d'aquelles sentimentos puros e generosos em que me havia embalado como em berço de illusões e escrevi o primeiro capítulo das "Confidencias" como um adeus áquelles dias de rissonha mocidade. »

Ao escrever essas linhas, ve o meu caro Dr., que eu estava um pouco zan-

gado com a sociedade, mas tambem pode ver o meu amigo que eu me achava muito longe ainda de sua doutrina e estava, como estou hoje, convencido que o homem se purifica pela civilização, que não está ainda limitado o circulo de sua perfectibilidade e que no decurso desse caminhar incessante para o progresso elle irá deixando esses costumes, habitos, ou instinctos bestiaes, para, como a borboleta que deixa a crosta pesada da chrysalida, soltos os vãos arrojados de sua intelligencia, expandir sem receio todas as grandes faculdades de sua alma.

Cheguemo-nos agora mais para a materia.

O excesso do pensamento é uma depravação da intelligencia, isto é, o homem não deve fazer uzo de sua intelligencia senão quando precisa remover uma difficuldade que se oppõe á sua vontade, mais resumido: a intelligencia deve estar ao serviço da vontade.

Todas as vezes por tanto que o homem tenha satisfeito todos os seus appetites, escusa de pensar, cuidar em males futuros, procurar de ante-mão removel-os.

Se me não illude a memoria, forão estes os primeiros pensamentos com que o meu amigo começou a sua argumentação.

E assim, de uma só cajadada botou o meu caro Dr. abaixo todo o mundo industrial, e ainda o que é mais terrivel, todo o mundo moral.

O homem materialmente vivendo no espaço, não usando da intelligencia senão para servir o seu appetite de momento, como faz com o instincto o animal que só arma o laço para empolgar a presa quando tem fome, viveria ausente das sciencias phisicas, da industria agricola, manufactureira e commercial; ainda mais, disputando a presa pela força, desprezando todas as leis sociaes como a honra, a virgindade, a virtude em summa, viveria ausente das sciencias ontologicas e por con-

seguinte de todos os direitos e principios da religião da theologia e esthetica.

Vejam os agora se o homem pode d'est'arte existir, e se conseguirmos provar que sua vida é uma lucta para estas verdades da sciencia e da religião, ficará provado que é seu destino a virtude, a sciencia e a religião, isto é, o socialismo.

(Continua.)

## Os contos phantasticos de Hoffmann.

(Continuação)

### O CANTO DE ANTONIA

N'aquella noite, os socios do alegre club de Serapiaõ reuniram-se cedo em casa de Theodoro. Impellida pelo vento do inverno, a neve bate d'encontro as vidraças, abaladas em seus caxilhos de chumbo; mas um extenso brasero brilha debaixo da coberta da velha chaminé; sua ardente claridade se reflete de mil modos phantasticos nas caixas infumaçadas, cuja antiguidade contrastam com a louca alegria dos habitantes da casa.

Dentro em pouco fumegam os cachimbos, improvisão-se os contos, agrupão-se em ordem segundo a idade delles em roda de um velador sobre o qual chameja o trago da amisade.

A reunião está completa; ninguem falta á chamada do decano; a taça de Bohemia se enche e circula; a conversa se anima; o tempo passa; mas o licor e as historias se renovam; as imaginações se exaltão pouco á pouco, rivalisa-se de exentricidade...

Oh! lá, charo Theodoro, exclamou de repente um dos alegres convivas, a conversação vai acabar se não nos prodigalisas

com uma dessas historias que fazem adormecer em pé e que sabes contar tão agradavelmente; mas conta-nos alguma coisa de extravagante e de enternecedor. de phantastico e antiarchoico...

Toquemos os copos, diz Theodoro; estou a vosso dispôr. Quero, se vos agrada, contar-vos uma anedocta bastante original da vida do conselheiro Krespel. Esse digno personagem, que existiu em carne e osso era realmente o homem mais singular que tenho conhecido... Quando vim da universidade de H... para seguir o curso de philosophia, não se fallava na cidade senão do conselheiro Krespel. Figurai que esse personagem gosava desde esse tempo, da maior reputação como jurista e diplomata.

Um principesinho da Allemanha, cuja vaidade excedia ao dominio mandou chamal-o á sua residencia para confiar-lhe a redacção de uma memoria destinada á justificar seus direitos sobre certo territorio visinho de seu principado, territorio que contava reclamar perante a corte imperial.

Fechou-se o negocio; e no excesso de sua alegria, o principe, prometeu ao seu favorito em recompensa da famosa memoria, satisfazer o mais extravagante dos seus desejos. O honesto Krespel vivia sempre triste por não poder achar uma casa a seu gosto; lembrou-se de mandar edificar uma á custa do principe, O soberano propunha-se a comprar o terreno que o conselheiro escolhesse; mas este contentou-se com um pequeno jardim que esse possuia na entrada da residencia e n'um sitio dos mais pitorescos. Occupou se logo em reunir e fazer transportar para ali todos os materiaes de seu futuro edificio; desde esse momento virão-no diariamente vestido com um trajo extravagante, que elle mesmo tinha feito, dissolver a cal; penerar a areia e ajuntar as pedras.

(Continua.)